

Feita A.	2	do pro.
N.º	1019	de 1962
O funcionário	<i>M</i>	

MARIA FERREIRA ANGELINI

No dia 13 de dezembro de 1921 nascia Lélia Vellini, filha de Achille Vellini e de d. Galipso Cappellini Vellini, italianos, vindo para o Brasil em 1914.

O casal fixou residência em São Paulo, por alguns anos, depois seguiram para o interior do Estado de São Paulo onde fixaram residência montando o Hotel Bela Venézia no Município de Rio Preto, hoje o belo e progressivo São José do Rio Preto, e nesse local nasceu Lélia e como fosse o dia de Santa Luzia, foi batizada também com o nome de Luzia, a milagrosa Santa que iria ajudá-la na sua tarefa, anos mais tarde. Como era uma menina muito fraca, apanhou um pneumonia, então a família mudou-se para a Capital para proporcionar um longo tratamento sendo preciso uma operação da pleura, feita na Santa Casa de Misericórdia. Tudo foi feito para prolongar a vida que se definhava dia a dia. Com grandes lutas e dedicação dos pais, a menina inicia seus estudos. Inicia estudando no Colégio Santa Catarina depois se transfere para o Grupo Escolar Osvaldo Cruz, onde as Mestras sempre lhe dedicaram cuidados especiais.

Desde o primeiro ano primário, a saudosa dona Zenaide, notando seus dotes de mestra, iniciou Lélia na tarefa de alfabetizar e auxiliar suas colegas, continuando assim durante todo o curso e quando estudava pela manhã ia ao Grupo Escolar dar seu quinhão de trabalho cristão em alfabetizar as crianças, a tarde.

Quando completou o curso primário preparou-se e prestou exames para a Escola Profissional Feminina, hoje "Carlos de Campos" para fazer o curso de Desenho, Pintura e Plástica, para o que tinha grande inclinação.

Tendo falecido seu pai, em 1936, sua irmã abre uma escola primária, e aí Lélia tem oportunidade de continuar o seu trabalho junto aos analfabetos e a classe de adultos lhe era entregue a noite, onde com dedicação os ensinava e muitos deles hoje disfrutam ótimas posições no funcionalismo, na prefeitura, na industria e no comércio. Com seu idealismo convência que tudo se consegue quando se tem fé e com esforço e persistência a vitória é certa e uma criatura analfabeta jamais pode progredir.

Profundamente empenhada no seu afam de trabalhar para os outros sempre se mostrou interessada em ajudar os menos favorecidos.

Em 1937 começa sua nova fase de sofrimento pois perdera a visão de um dos olhos e daí começa a jovem Lélia a se esforçar mais, com mais

Folha n.º 3 do 5º
n.º 1019-2 de 1962
O funcionário
MÁRIA FERREIRA ANDRE
Assessor Legislativo

afinco, afim de poder continuar seus estudos que eram sua esperança. Enquanto termina o curso Normal, faz um estágio de dois anos como professora assistente no Colégio Paulistano, onde consegue um certificado de estagiária e com seu diploma, começa a lecionar no curso secundário, em 1940. Sempre enfrentando seus problemas com estoicismo, sem nunca se queixar e sempre confiando na providência Divina, espera vencer pois costuma dizer: " A Providência Divina tudo dá e tudo tira mas sempre ajuda aqueles que não perdem a Fé."

No dia 13 de dezembro de 1942, dia dedicado à Santa Luzia, padroeira dos cegos, propõe dedicar-se a causa dos cegos fazendo seu eslogan: " na semelhança dos males, nos confortamos." Com um grupo de companheiros dedicados inicia seus primeiros passos para plantar a pequenina semente do seu ideal fundando uma associação que pudesse alfabetizar os cegos e assim pela instrução ajudaria a transformar a escuridão dos olhos em luz para as mãos.

Assim em 1942 funda e legaliza a Associação Pró Biblioteca e Alfabetização para Cegos. Teve como grande benfeitora a saudosa dama Paulista dona Anita Costa e dona Lair Costa Rego, que compreendendo o grande desejo da missionária em prol dos cegos, cede uma saletinha na Legião Brasileira de Assistência. Ai começa seu apostolado procurando os cegos em suas próprias casas ia Lélia despertar-lhe o interesse para aprender e proporcionar-lhe o braço para ensinar-lhe o caminho da nova escola.

Era a primeira escola para cegos que surgia na Capital Bandeirante onde o cego se alfabetizava e se instrua sem se afastar do convívio de seus familiares. Estava iniciado o movimento de "Reintegração do cego na família e na sociedade".

Em 1942 os livros no sistema Braille, em português, eram muito reduzidos, e como Lélia desejava formar uma Biblioteca em Braille, iniciou uma campanha com as jovens da "Ofag". Estas jovens aprendendo o sistema Braille seria úteis tanto como enfermeiras quanto na cópia dos primeiros livros a mão, para a Associação. Com seu entusiasmo Lélia arregimentou grande número de voluntárias transmitindo seu desejo de difusão do aprendizado e aumento de livros para cegos.

Como o trabalho dessas voluntárias era por tempo determinado e desejando propagar seu proposito, e como necessitava de cartilhas e livros para cegos, entrou em entendimento com a pioneira do movimento

em prol dos surdos-mudos fundadora do Instituto Paulista e com ela consegue oito surdo-mudos para iniciar um intercambio com estes

deficientes da fala. Familiarizou-se Lélia com o alfabeto manual lábil e com esta cômica de deserdados da audição começa seu ensino do Sistema Braille para ^{que} pudessem transcrever livros. Dona Lair Costa Rego confiava nesse novo e umanitário trabalho de Lélia e nunca deixou de dar seu apoio.

Seu aprendizado com os surdos-mudos foi de grande utilidade em 1950 quando foi procurada por um cégo-surdo-mudo afim de conseguir sua recuperação. Lembrou-se Lélia de Helen Keller e do trabalho de Annie Sullivan e tentou resolver este problema.

O cégo-surdo-mudo, Estefano Auriquio, desde a idade de 13 anos se achava isolado na treva e no silêncio e então com 40 anos, não se preocupava em aprender, mas sua mãe velhinha queria ajudá-lo. Para não desanimá-la tentou Lélia, enfrentando todas as criticas, a impossibilidade dessa recuperação. Lélia dizia, tentarei para ver os resultados com a consciência tranquila de que me empenhei com vontade e fé. Muitos meses a jovem educadora tentou meios para se por em contacto ^{com} o cégo-surdo-mudo para conseguir entrar em entendimento mutuo. Nas mãos calejadas de Estefano durante muitas semanas foi feito sinais até alcançar uma compreensão que se manifestava com sinais. Começa o problema da alfabetização, pois Estefano jamais quisera aprender e mesmo fugia da primeiras letras. Então as letras eram repetidamente escritas na palma da mão, e a luta vence o ~~obstáculo~~ obstáculo tríplice, seguindo as palavras e as frases, e gradativamente o adestramento se completa e a comunicação se faz realidade. Lélia coloca o cégo-surdo, agora capaz de emitir sons e palavras, em contacto com os cégos, e continua a tarefa de cada vez melhor vencer a falta da visão e da audição, conseguindo com esforço titânico entrar em entendimento não só com pessoas estranhas mas também com os cégos, e hoje conversa e toma parte integral na sociedade. Lélia conseguiu fazer de Estefano Auriquio um elemento util a si aos seus familiares e amigos e colegas e também um elemento de trabalho além de um exemplo vivo aos fracos que desconhecem a palavra "QUERER". Todos os que conhecem o cégo-surdo emocionam-se por verificar que é hoje um homem recuperado, sorridente e feliz. Lélia quando apresenta este cégo-surdo reabilitado costuma acrescentar: "agradeço profundamente a Deus que me deu oportunidade de realizar a minha tarefa e a todos que me auxiliaram a chegar e alcançar resultados positivos dos meus propositos".

Lélia encontrava cégos abatidos e acabrunhados não tanto pela falta de visão como pela inércia e falta de orientação que os ajudassem a continuar a participar da vida - eram seres que se consideravam pesos mortos, criaturas que nada faziam e nada podiam realizar.

Como visitava muitas famílias e não dispunha de meios soliciou a direção da L:B:A. auxiliou no que foi atendida, dando mais atenção aos cégos, percorrendo bairros distantes. No seu dedicado serviço anônimo encaminhou muitos cégos que chegaram a completar os cursos ginasiais, formação de professores, concluir cursos superiores, e outros estão trabalhando no comércio, na indústria, fazendo além disso casamentos e hoje muitos casados e com filhos são seus compadres.

É uma felicidade ver a alegria que Lélia sente estar rodeada de cégos que tanto ama e pelos quais enfrentou tantas lutas. Hoje não mais um sonho o seu ideal mas uma realidade. Sempre encontrou quem a ajudasse porque sempre disse: a minha obra é nossa, ela precisa de todos porque terá possibilidades de ajudar os desprovidos da visão.

Lélia aprendeu o sistema Braille em 1942 com o professor cego Alfredo Sangiorge e com uma reglete emprestada, a qual foi o seu instrumento para iniciar o seu trabalho. Sem recursos, sem conhecimentos dos grandes obstáculos que iria enfrentar, iniciava calmamente seu empreendimento com amor ao ideal, entrava pela estrada com um firme propósito: " eu quero alfabetizar os cégos."

Defrontando-se com cégos que tinham deficiência tátil, que não podiam perceber os pontos em relêvo no papel, com outros adultos que tinham dificuldade em guardar a disposição dos pontos Braille - que na leitura se apresentam de u'a maneira e na escrita outra configuração - procurou solucionar o problema para alfabetizar, e depois de muitas tentativa idealizou as taboinhas mágicas, o Alfabetizador e Simplificador. Com esta sua invenção em 15 dias alfabetizava os cégos e os surdos que a auxiliaram copiar livros em Braille.

Dona Lair que acompanhava com carinho o trabalho anônimo que Lélia ia realizando convidou-a para ir ao Palácio do Govêrno para apresentá-la a senhora sua mãe, a saudosa dona Anita Costa, que depois de conhecer as "taboinhas mágicas" disse ao então Interventor do Estado, Senhor Fernando Costa e ao Secretário da Educação, presentes, que não só era agradável o aprendizado como distraia e qualquer pessoa poderia aprender com grande facilidade.

Guardava Lélia a primeira prova da utilidade de seus esforços dada pela primeira Dama Paulista que falava com o coração e que interessada quis conhecer como a jovem vivia; sabendo que não podia dedicar-se

Folha n.º 6 de 1968
10/19 de 1968
O funcionário
MARIA FERREIRA
Auxiliar Legislativo

plenamente aos cegos, praticou os esforços da jovem com uma ^{relocação} ~~relocação~~ junto ao Pálacio, e deixando-a a disposição da L.B.A. para que ininterruptamente trabalhasse com mais desembaraço. (cargo que continua sem jamais progredir pois aproveitou de todas as oportunidades para conseguir benefícios para os cegos)

Tomando conhecimento do alfabetizador idealizado por Lélia, o Dr. Samuel Ribeiro que conhecia o alfabeto dos cegos, mandou chamá-la e depois se ofereceu para mandar fazer as "taboinhas mágicas" em quantidade suficiente, pois as que usava eram construídas rudemente, e também ofereceu mesas para um trabalho profícuo.

Nessa mesma época dona Lair Costa Rego ofereceu a Lélia passagem para que fosse ao Instituto Benjamin Constant, no Rio de Janeiro, exhibir seu modesto mas tão útil aparelho, o que mereceu por parte dos professores cegos muitos elogios e atestados de eficiência. De volta a São Paulo, recebeu Lélia a notícia auspiciosa, por intermédio de d. Lair, que dona Anita Costa, sua mãe, desejava que a Associação pro Biblioteca e Alfabetização para Cegos tivesse sua sede própria e melhores acomodações. Entretanto a espera foi longa para a conquista da sede própria que ficou adiada, assim de 1942 a 1946 ficou funcionando na L.B.A. - Depois da morte de saudosa dona Anita Costa, dona Lair Costa Rego ficou sendo a primeira Dama Paulista, e procurou tornar realidade a vontade de sua mãe em querer que a A.B.A.C. tivesse sede própria, e disse a Lélia que teria um auxílio de duzentos e cinquenta

mil cruzeiros para aquisição de um prédio. Com os duzentos e cinquenta mil e mais empréstimo da Caixa Econômica Federal de São Paulo, conseguiu meios ~~mas não foram~~ suficientes para a aquisição do prédio da Alameda Sarutaia, 350, o que havia sido nitidamente escolhido, então ficou combinado que haveria por parte do Governo um auxílio para sua quitação. Foi feita a compra e a mudança e a A.B.A.C. passou a funcionar no local que ainda é Alameda Sarutaia, 350, Jardim Paulista, Capital. Mas a tarefa foi acrescentada de novos compromissos, e Lélia munida de sua lista de benfeitores procurou generosos amigos que a ajudasse a montar sua Escola, e foram se mobiliando e montando; sala da biblioteca, museu, secretaria, sala de visitas, Gabinete Médico e Gabinete Dentário e as salas destinadas aos trabalhos manuais. O trabalho era intenso e a organização caminhava bem como na Biblioteca os livros em Braille se multiplicavam.

Em 1957 a visão de Lélia que já era deficiente foi atingida profundamente e seu trabalho deveria tomar direções novas, pois não poderia mais servir de guia mas ser guiada. Entretanto seu espírito firme e resoluto, faz do seu mal um lema: transformar seu mal em bem maior para os cegos, procura os dirigentes de dois colégios em que locionara suplicando-lhes permissão para uma campanha entre os alunos afim de comprar uma pequena perua Fordson. Nada tinha, mas tudo desejava para realizar a compra dessa viatura para transportar os cegos do

lar à escola e vice-versa. Assim foi criada a primeira com viatura para transporte. Depois de terminar a campanha para a compra da viatura e sem recursos para pagar um motorista, Lélia então foi a procura da glória Guarda Civil pedindo que a auxiliasse com um motorista para o devido transporte dos cegos, o que não foi negado.

Prosseguindo em seu trabalho, Lélia ia transformando os cegos mais adiantados em monitores e surgia o aproveitamento dos seus esforços na continuação do seu trabalho que precisa ser feito sem que houvesse pagamento aos mestres, e funcionários. Dêsse aproveitamento eficiente dos alunos-mestres, os benefícios foram inumeros e muitos cegos se tornaram emancipados desfrutando hoje desses adestramentos anônimos.

Inicia também Lélia uma campanha nas Escolas Normais, Profissionais, ginásios e ~~faculdades~~ para conseguir meios para comprar um onibus, pois em 1948 o número de alunos era muito grande e moreavam em lugares mais afastados da cidade.

Com a aquisição do onibus, mais um Guarda Civil foi conseguido para trabalhar na A.B.A.C. para a realização de sua tarefa.

Assim tinham os cegos ensino de alfabetização, curso primário, profissional, transporte, assistência médica e dentária para si próprios, e assistência médico-dentária para seus familiares, remédios e assistência domiciliar, e também providenciou para que os cegos, na sua maioria pobres, tivessem no Cemitério do Araça um jazigo, onde hoje lá descansam alguns alunos que cumpriram sua destino.

Em 1951, possuindo a A.B.A.C. um terreno grande, pensou Lélia aumentar a Escola.

Com uma apresentação do eminente amigo dr. Raul Briquet, consegue uma apresentação para o Reitor da Universidade de São Paulo. Com este consegue uma autorização para se dirigir aos membros das Faculdades afin de pedir que, conhecendo seu trabalho, emprestassem seus olhos e seu coração para construção de um Pavilhão de três andares. Era uma obra que não contava com recursos, somente com sua Fé e seu trabalho.

Inicia pela Faculdade de Direito de São Paulo, da U.S.P. e se dirige aos formandos, em primeiro lugar dizendo: não venho fazer discurso porque não conheço retórica, mas venho contar a vida de uma jovem que se preparou para transformar um mal em bem, e defender a causa dos orfãos da visão. Preciso dos olhos de vocês para ver o que foi realizado em 10 anos de perseverança, e agora se faz necessário uma ampliação na A.B.A.C.- Para tanto confio na minha Fé e confio nesta juventude culta, idealista e cristã, pois esta obra não é minha, é nossa, façam dela a sua obra e dêem o seu

Folha n.º 8 do p.º
 1019 de 1962
 Catedrático que lhe dava
 O funcionário
 MARIA FERREIRA ANCILOTTI
 Auxiliar - Legislativo

Faculdade de Direito e em cada classe era apresentada pelo apoio dizendo que os alunos prestassem atenção e aproveitasse nada, desejava realizar tanto.

É interessante relatar essa passagem de solidariedade dos Universitários de Direito que se puseram nas ruas de São Paulo empunhando sua Bandeira e acompanhados de uma banda de música. A perua da A.B.A.C. cheia de estudantes, com Lélia a frente, apelavam ao generoso coração do povo paulista para participar da grande obra. Depois de percorridas as ruas da cidade, os próprios estudante contaram as moedas arrecadadas, no saguão da Faculdade, fazendo a entrega do dinheiro com os votos de melhores dias aos cegos. Lélia percorreu as Faculdades de Medicina, Veterinária, Odontologia, Engenharia e o prédio foi construído em um ano. Lélia também reconhece o trabalho da Força Pública que muito a auxiliou nessa construção.

Durante a construção do Pavilhão de três andares, Lélia ficou muito doente e os médicos a obrigaram ir para Santos. E como o destino lhe reservava com esse mal algum bem, este chegou. Um dos vereadores da cidade praiana tomou conhecimento do trabalho de Lélia e fez uma publicação no jornal "A Tribuna". Profundamente agradecida marcou uma audiência para agradecer, e com surpresa foi recebida pelos representantes da Câmara Municipal de Santos, onde depois a convidaram para que também realizasse um trabalho igual para beneficiar os cegos do litoral. Lélia pensou então numa Colônia de Férias e um Centro de reabilitação para cegos que sem permanecer internos pudessem estagiar transitoriamente, unindo o útil ao agradável.

Deram a Lélia uma carta endereçada ao senhor Domingos Fernandes possuidor de muitas terras no litoral sul paulista, para conseguir um local para o trabalho de recuperação dos cegos.

Lélia aceitou mais esta tarefa, entretanto pediu a Deus por intermédio de Santa Terezinha que lhe desse um sinal que devia prosseguir no empenho, e que nesse mesmo dia recebesse uma rosa. Teve o pedido resposta e não recuou diante das dificuldades.

Procurando o sr. Domingos Fernandes com o auxílio da primeira dama Paulista, e recebeu do dono da Vila Caiçara um terreno de 650 metros quadrados, como donativo.

Conseguiu, sem nada, que uma planta feita por um desenhista santista fosse aprovada e o mesmo desenhista se comprometeu ao mesmo tempo dar sua colaboração de direção gratuitamente. De posse do terreno e com a planta aprovada, vai Lélia, acompanhada de sua mãe, então com 70 anos, apresentar-se ao comandante da Força Pública, de São Paulo, para que a ajudasse. Consegue permissão para fazer palestras ao Corpo de Bombeiros

de Santos. Nos diferentes destacamentos da Força Pública que ajudasse com seu trabalho nas horas de folga. Recebeu MARLENE REBELO voluntários que ajudaram a capinar e cavocar e nil auxílios prestaram ôsses anônimos colaboradores. Depois o mesmo fez no Forte de Taipu e nas dependências do exército. Todos deram prova de carinho achando que a obra deveria ser executada. Ofereceram-se para em rodizio transportar os materiais conseguidos, pedras e demais materiais para os alicerces que faziam necessários ^{devido o} terreno ser pantanoso. Sempre encontrou Lélia colaboradores que não pãdendo ajudar com dinheiro davam seu trabalho, verdadeira caridade cristã.

Apesar do apoio que encontrou, tanto dos anônimos trabalhadores, como dos vereadores de Santos e São Vicente, Lélia levou cinco anos para construir a obra - construção sólida e atualmente de grande valor- 650 metros quadrados de construção.

Quando a obra esta pronta, montada, houve uma rachadura na parede central que abalou o prédio, e os engenheiros chamados, advertiram-na que deveria restaurar o prédio com urgência. Procurou e pediu até que conseguiu o apôio do Prefeito de Santos, e a Prefeitura de São Vicente cooperou, e conseguindo superar a ardua tarefa, prepara a inauguração, quando, falece o Prefeito eleito de Santos, o que veio interromper a festividade.

Entretanto, como não poderia suprir as despesas com a hospedagem de cegos, o prédio da Vila Caiçara, abriria suas portas para receber crianças analfabetas. Consegue mobiliar uma classe, conta com professora leiga para arrebanhar crianças e coloca a disposição do Senhor Governador do Estado o aparelhamento para criação de uma escola mixta na Vila Caiçara. Foi nomeada uma professora e as aulas prosseguem. Foi também montado um ambulatório médico e dentário para atender cegos e beneficiar os moradores daquela região, solicitando do prefeito de Santos e São Vicente sua colaboração. A Capela de Santa Terezinha já está com seu altar montado e aos domingos os Frei da ordem Franciscana de São Paulo vão até lá rezar missas e converter fiéis, sendo mais um beneficio sem despesa mas contando com mais uma assistência que depende de trabalho e amor.

Assim, Lélia aguarda iniciar o trabalho que se propos de recuperação de cegos, num estagio na Vila Caiçara, dependendo de meios para o sustento de trinta cegos por turno.

Lélia, no seu afã de reintegrar os cegos na sociedade e dar-lhes maior alegria, proporcionou aos seus alunos festividades pelo Natal, indo à praça pública fazer

seu apêlo. Assim tanto os alunos como seus familiares sempre tiveram o funcionário AAA
mais fertura nas maiores festas cristãs.

MARIA FERREIRA ANGELINI
Auxiliar-Legislativo

Desde 1956, Lélia conseguiu que o Natal dos cegos fosse feitos sob o patrocínio da Primeira Dama Paulista, para maior atendimento do grande número de cegos de todo o estado, e foram abertas as portas do Palácio dos Campos Eliseos para os cegos e seus familiares. Ela também iniciou a campanha da Bengala Branca.

A convite do ex-governador do Estado Lélia fez o levantamento estatístico dos cegos. Lélia interessou-se pela campanha de tornar eleitor o individuo cego adaptando-os para facilitar-lhe a votação tornando-os verdadeiramente cidadão.

A convite da Instituição dos cegos de Ribeirão Preto, conseguiu também Lélia, um terreno para sua séde própria na cidade, por intermédio do Prefeito Municipal e através da Radio Emissora local, levantou uma campanha apelando ao povo de Ribeirão Preto para a compra de uma viatura para o transporte dos alunos cegos do lar a escola. Foi vitoriosa sendo convidada a voltar para ver o que também havia feito aos cegos daquela cidade. Tendo tido oportunidade de ir ao Paraguai, Lélia foi reconhecida como uma das que trabalhavam em pról dos cegos de seu País, e assim é convidada a iniciar uma campanha através dos jornais e rádio, com o apoio do Ministro da Educação, apresentar as possibilidades e os direitos que os cegos carecem para sua educação integral. Os cegos que ela encontrou pedindo esmolas nas ruas, hoje possuem escolas próprias, eficientes, foi a semente que a brasileira levou ao país amigo que se reproduziu. No seu Estado Lélia tem recebido confortadora prova de reconhecimento de seu mérito que a fazem esquecer suas incansáveis horas de trabalho e lhe dão estímulo para continuar na luta em pról dos cegos, recebendo mesmo a medalha de Honra ao Mérito - Standar Oil-

Atualmente Lélia esta empenhada em apresentar publicamente sua invenção que beneficiará todos os cegos do Brasil.

Recebendo como doação um aparelho de Rádio amadorismo, de recepção e transmissão, Lélia esta se empenhando para que os cegos possam aumentar suas possibilidades de trabalho também nessa atividade.

Hoje, Lélia sempre empenhada na sua tarefa de dar maiores possibilidades de trabalho e ocupação aos cegos, está casada e participa da educação de seus tres filhos, a mais velha com 3 anos, o segundo com 7 e o menor com 5.